



## LIÇÃO 15

### A BENIGNIDADE DE DEUS<sup>1</sup>

A Bíblia fala da “multidão das suas (de Deus) benignidades” (Is 63.7), e quem é capaz de enumerá-las? O salmista disse: “como é preciosa, ó Deus, a tua benignidade!” (Sl 36.7). Nenhuma caneta do homem, nenhuma língua dos anjos pode expressá-la adequadamente. Por mais que este atributo de Deus seja conhecido pelas pessoas, é algo completamente singular à revelação divina. Nenhum dos antigos jamais sonhou em aplicar aos seus “deuses” uma perfeição cativante tal como essa. Nenhum dos objetos adorados por pagãos na atualidade possui mansidão e ternura; na realidade, é justamente o oposto, como as feições de seus ídolos exibem. Os filósofos consideram sério agravo à honra do Absoluto atribuir tais qualidades a ele. Contudo, as Escrituras têm muito a dizer sobre a benignidade de Deus, ou o Seu favor paternal ao Seu povo, a Sua afeição terna com ele.

A primeira vez em que se menciona esta perfeição divina na Palavra de Deus é naquela maravilhosa manifestação a Moisés, quando lavé proclamou o Seu “Nome”, ou seja, manifestou-Se a Si mesmo. “O Senhor, o Senhor Deus, misericordioso e piedoso, tardio em irar-se e grande em beneficência e verdade” (Ex 34.6, ARC). Mais frequentemente a palavra hebraica *chesed* é traduzida como “bondade” ou “benignidade”. É maravilhoso que Alguém tão infinitamente acima de nós, tão inconcebivelmente glorioso, tão inefavelmente santo, não apenas perceba tais vermes da terra, mas que também tenha disposto Seu coração para eles, dado o Seu Filho por eles, enviado o Seu Espírito para habitar neles, e suportado de tal maneira todas as suas imperfeições e desobediência que Ele nunca remova a Sua benignidade deles.

Considere algumas das evidências e alguns dos exercícios deste atributo divino para com os santos: leia cuidadosamente Ef 1.4,5; 1 Jo 4.9; Jr 31.3; Os 2.19.

Esta benignidade do Senhor nunca é removida de Seus filhos. Para nós, pode até parecer assim, mas nunca é. Visto que o crente está em Cristo, nada pode separá-lo do amor de Deus (Rm 8.39). Deus se comprometeu solenemente por meio da aliança, e os nossos pecados não podem anulá-la. Deus jurou que, se os Seus filhos “deixarem de obedecer aos meus mandamentos, com a vara castigarei o seu pecado, e a sua iniquidade com açoites” (Sl 89.31,32). Todavia, Ele acrescenta: “Mas não retirarei totalmente dele a minha benignidade, nem faltarei à minha fidelidade. Não quebrarei a minha aliança” (vv. 33,34). Observe a mudança de “eles” para “ele”. A benignidade de Deus para com o Seu

povo se centraliza em Cristo. Por ser o Seu exercício de benignidade um compromisso da aliança, é ligada repetidamente à Sua “verdade” (Sl 40.11; 138.2), mostrando que procede a nós por promessa. Portanto, jamais devemos ficar desesperados.

“Porque os montes se retirarão, e os outeiros serão abalados; porém a minha benignidade não se apartará de ti, e a aliança da minha paz não mudará, diz o Senhor que se compadece de ti” (Is 54.10). Essa aliança foi ratificada pelo sangue do seu Mediador, sangue pelo qual a inimizade (ocasionada pelo pecado) foi removida, e perfeita reconciliação foi efetuada. Os pensamentos que Deus tem para com aqueles incluídos na Sua aliança e que foram reconciliados a Ele são “pensamentos de paz, e não de mal” (Jr 29.11). Por isso, somos assegurados de que “de dia o Senhor ordena a sua bondade (benignidade), e de noite a sua canção está comigo” (Sl 42.8). Que palavra! Não apenas que o Senhor dá ou concede, mas que Ele *ordena* a Sua benignidade. É dada por decreto, concedida por compromisso real, como Ele também ordena “livramento” (Sl 44.4), “sua bênção e a vida para sempre” (Sl 133.3), que anuncia que nada pode impedir essas concessões.

Qual deve ser a nossa resposta? Primeiro: “Portanto, sejam imitadores de Deus, como filhos amados, e vivam em amor” (Ef 5.1,2); e “Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de coração compassivo, de benignidade” (Cl 3.12). Assim foi com Davi (Sl 26.3). Ele se deleitava em ponderá-la. Refrescava a sua alma fazer isso, e moldou a sua conduta. Quanto mais nos ocuparmos com a benignidade de Deus, mais cuidadosos seremos com a *nossa obediência*. Os constrangimentos do amor e da graça de Deus são mais poderosos para os regenerados do os terrores da Sua Lei. “Como é preciosa, ó Deus, a tua benignidade!” (Sl 36.7).

Segundo, um senso da perfeição divina fortalece a *nossa fé*, e incentiva confiança em Deus. Terceiro, deve estimular o *espírito de adoração*. “Porque a tua benignidade é melhor do que a vida, os meus lábios te louvarão” (Sl 63.6; cf. Sl 138.2). Quarto, deve ser nosso tônico quando estamos deprimidos: “sirva, pois, a tua benignidade para me consolar” (Sl 119.76). Foi assim com Cristo na Sua angústia (Sl 69.17). Quinto, deve ser nossa súplica na oração: “vivifica-me, Senhor, segundo a tua benignidade” (Sl 119.159). Davi apelou para esse atributo divino por nova força e maior vigor. Sexto, devemos apelar a ela quando nos desviamos: “compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade” (Sl 51.1). Lida comigo de acordo com o mais manso dos Teus atributos, faz do meu caso um exemplo da Tua ternura. Sétimo, deve ser uma petição em nossas devoções noturnas: “faze-me ouvir a tua benignidade pela manhã” (Sl 143.8). Acorda-me de manhã com a minha alma em sintonia com isso, deixa que os meus pensamentos ao acordar sejam a Tua bondade.

---

<sup>i</sup> Fonte: PINK, A. W. *Os Atributos de Deus* (Editora Pes).